

Diário de Petrópolis, 19 de Fevereiro de 2023

Reverendo a Geopolítica das Fontes Alternativas de Energia

Por: Ronaldo Fiani

Nos dias 11 e 18 de dezembro do ano passado publiquei dois artigos em que discutia a geopolítica das fontes alternativas de energia. Nestes dois artigos afirmo que no desenvolvimento de fontes alternativas de energia, há três objetivos simultâneos em vista: enfrentar o processo de aquecimento global, desenvolver uma nova frente de investimento e crescimento econômico e alterar a configuração geopolítica. Concentrei minha atenção sobre o último ponto, que tem sido desconsiderado no debate sobre fontes alternativas de energia.

Apontei naqueles artigos que a geopolítica do petróleo e do gás natural foi uma geopolítica determinada fundamentalmente pela existência de vantagens absolutas de custos. Diz-se haver vantagens absolutas de custos quando um produtor consegue produzir a um custo mais baixo do que qualquer outro, e não há forma de seus concorrentes conseguirem atingir o mesmo nível reduzido de custos.

A forma mais comum de vantagens absolutas de custos é aquela que resulta da propriedade de jazidas de algum recurso natural de qualidade superior, ou com custos de extração mais baixos, ou ambos, como é o caso do petróleo no Oriente Médio, que se encontra próximo da superfície e é de excelente qualidade. As vantagens absolutas de custo resultam em lucratividade elevada, pois permitem aos produtores que as detêm produzir a um custo muito menor que seus

concorrentes, ao mesmo tempo em que vendem o seu produto por um preço somente um pouco abaixo dos seus concorrentes, apenas o suficiente para ganhar mercado.

A questão geopolítica do petróleo e ao gás, conforme escrevi naqueles dois artigos, está relacionada ao fato de que as jazidas de petróleo e gás de melhor qualidade e menores custos de exploração estão concentradas em poucas regiões do planeta, em geral em áreas politicamente instáveis (como o Oriente Médio), ou envolvidas nas tensões políticas internacionais (como a Rússia). Isto cria um vínculo muito forte e difícil de romper entre os países exportadores e os importadores, o que resulta em muita tensão geopolítica, especialmente no caso da dependência da União Europeia (que apoia a Ucrânia) da Rússia.

Em janeiro deste ano, em pleno inverno, os prognósticos com relação à situação energética da União Europeia eram sombrios. No começo de fevereiro o Valor Econômico publicou matéria intitulada Europa enfrenta dura realidade de não ter como substituir o gás russo (<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2022/02/02/europa-enfrenta-dura-realidade-de-nao-ter-como-substituir-o-gas-russo.ghtml>). O texto da matéria afirmava que:

Países ricos em energia, do Catar ao Azerbaijão, prometeram suprimentos de emergência de gás para a Europa, mas a região está descobrindo rapidamente que não pode substituir a Rússia, principal fornecedora. As tensões contínuas sobre a Ucrânia e a ameaça de um potencial conflito interrompendo os fluxos de energia para a Europa ofuscaram o mercado de gás do continente nas últimas semanas, causando oscilações de preços voláteis. A guerra pode interferir nos enormes volumes que a Rússia envia ao continente, cerca de um terço dos quais passam pela Ucrânia.

Contudo, conforme afirmei nos dois artigos de dezembro do ano passado, com as fontes alternativas de energia a situação é diferente. É verdade que a incidência de luz solar e dos ventos varia de uma região para a outra, mas obviamente não são concentradas como no caso das fontes de energia fóssil. Por isso a luz solar e os ventos não são fonte de vantagens absolutas de custo significativas na produção de energia, exceto para quem detém o controle das tecnologias mais eficientes de produção de energia em fontes alternativas. É o controle destas tecnologias, assegurado pelas patentes e pelas defasagens na capacitação tecnológica entre os países, que vai gerar as vantagens absolutas de custo associadas às fontes alternativas de energia.

Países importantes da União Europeia, como a Alemanha, a Holanda e a França decidiram investir em energia eólica e solar, e os resultados foram compensadores neste momento de crise. Em 2022 as fontes eólica e solar geraram 22% da eletricidade da União Europeia, superando o gás natural (20%) segundo a consultora Ember (<https://ember-climate.org/press-releases/wind-and-solar-overtake-fossil-gas-to-produce-record-fifth-of-eu-electricity/>). Isso foi uma ótima notícia para a Europa, que enfrentou em 2022 incertezas no fornecimento de gás e redução na oferta de energia hídrica e nuclear, que ameaçavam provocar uma grande crise energética neste inverno europeu.

Isto significa que o petróleo e o gás estão com os dias contados? Claro que não. Ambos ainda serão uma fonte de energia importante, principalmente para mover a máquina de guerra (alguém imagina um caça movido a energia solar? Quem sabe em um futuro muito distante...) e para a indústria química. Mas os países que dominarem esta tecnologia vão ganhar uma vantagem política em relação aos países produtores, apesar das vantagens absolutas de custos.

O crescimento das fontes alternativas de energia, junto com as transformações da Quarta Revolução Industrial, vão alterar completamente o cenário social e geopolítico neste século XXI.

Link para a matéria original:

<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-231261>